

Prefácio

Prae Fatia / Prae Factum

Moisés de Lemos Martins¹

Pedro Andrade é um inventor de linguagem, e também um criador de mundos. É nas Ciências Sociais um pensador de vanguarda e um visionário, que vai à frente, por veredas pouco conhecidas, interrogando e propondo-se descrever aquilo que nuns casos ainda mal se anuncia e que noutros se manifesta de um modo ainda pouco claro, dada a grande complexidade das formas nos fenómenos que estuda. Assim é o caso de *Sociologia Semântico-Lógica da Web 2.0/3.0 na sociedade da investigação*, agora dado à estampa, onde é assaz recorrente o uso de adjectivos como ‘novo’, ‘inédito’ e ‘vindouro’.

Este ensaio constitui uma semiótica da Internet na sua forma actual, que compreende aquilo que Pedro Andrade chama de “hibrimédia”: redes sociais digitais, blogues, mundos e museus virtuais, enfim, uma imbricação de ciência, arte e tecnologia. Ou seja, é uma teoria da significação dos novos média, entendida essa teoria sobretudo como sintaxe e semântica lógica, e também como pragmática, embora menos pronunciadamente, apesar daquilo que é sugerido com a referência aos discursos do quotidiano. Essa teoria da significação tem, pois, como objecto o “ciberespaço/cibertempo das redes sociais digitais” (Web 2.0), e também o “ciberespaço/cibertempo das redes sociais semântico-lógicas e interdimensionais” (Web 3.0).

Neste entendimento, a semiótica das redes digitais analisa os quadros categoriais da nova comunicação, investigando, de um ponto de vista formal mas também substantivo, os pressupostos e as estruturas do novo processo comunicativo. A comunicação é, pois, remetida para o modelo da racionalidade da sintaxe e da semântica lógica, sendo a significação entendida como uma estrutura objectiva. No entanto, a comunicação é igualmente objecto de uma contaminação não-ortodoxa da semântica e da lógica, através de uma pragmática entendida em termos de análise das competências e performances comunicativas por parte de agentes sociais, sujeitos de enunciação cultural, circulantes em contextos, textuais e gramaticais (Eco, Fabbri), que produzem significantes e significados, codificações e recodificações, paratextos (Genette), textos, prosódias e paródias. Neste caso, trata-se do utilizador da internet ou do visitante do museu de arte, que não apenas lêem mas também reescrevem os sentidos que recebem nos contextos de práticas do ciberespaço e das instituições culturais. Pode falar-se então das redes sociais, fundadas na partilha da informação, tanto na leitura como na escrita (na perspectiva das estratégias da Web 2.0, a denominada *reading-writing internet*). Mas, para além disso, o autor reflecte sobre a hibridação entre os conceitos eruditos e

¹Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). moiseslmartins@gmail.com

os conceitos comuns (ao estilo da Web 3.0, a designada *Web Semântica*) que estruturam o conteúdo ou os discursos de *sites* e *wikis*. Um *wiki* é um *software* ou programa residente na Internet, cujo conteúdo é passível de ser reformulado rapidamente por um utilizador (*wiki wiki* significa 'rápido' em havaiano), sendo o mais popular a *Wikipédia*.

Ainda na capa faz-se saber que estamos diante de um livro experimental. E que esse livro é o primeiro de uma série. Pode perguntar-se, todavia, em que medida é que se trata de um livro experimental? Num livro de Ciências Sociais o que se experimenta sempre é o pensamento, como é da própria natureza desta escrita, quando enfrenta novas realidades. Os primeiros parágrafos deste livro de Pedro Andrade visam, no entanto, esclarecer o que está em jogo. É a sociedade em rede e as novas condições de uma sociedade electrónica que autorizam a formulação de uma ideia nova de "livro experimental". A sociedade em rede, globalizando as condições da nossa existência e significando a compactação do tempo e do espaço, não pode todavia iludir a real fragmentação dos discursos, pela completa subversão "das regras do jogo de escrita e de leitura na nossa contemporaneidade". São com efeito as actuais circunstâncias electrónicas, que nos envolvem numa atmosfera de fluxos de luz, som e sensibilidade, que fazem pensar numa passagem do paradigma óptico, centrado num espaço territorial, a um paradigma acústico, auditivo, que é o paradigma do tempo, com sons, ressonâncias, durações, vibrações, ritmos, cadências, modulações...

O fluxo é, com efeito, uma metáfora da vida, tendendo ambos, fluxo e vida, a desenvolver-se na tensão entre equilíbrio e desequilíbrio. Os fluxos fazem corrente e as correntes vivem da duração. Não são traços ou linhas que substancializem e reifiquem o movimento, ou que fixem e rigidifiquem a vida. Metáfora da vida, o fluxo electrónico não pode deixar de remeter, pois, para a experimentação, para a vida que se joga "in actu", com durações, vibrações, ritmos, cadências, ressonâncias. Qualquer acto de escrita ou de leitura da nova paisagem digital apenas poderá ser, então, um acto experimental. É neste contexto que Pedro Andrade propõe a inovação estrutural do "resumo conceptual", que introduz o leitor no enredo teórico do livro, através de sínteses e clarificações, e o incentiva à tomada de posição, ao comentário ou à crítica.

Mas a tarefa que espera o leitor de *Sociologia semântico-lógica da Web 2.0/3.0 na sociedade da investigação* não é, de modo nenhum, uma tarefa fácil. Inspirado no clássico entendimento de Manuel Castells de que o actual modelo de civilização deixou de ser o da produção e passou a ser o sistema informativo, Pedro Andrade vai directo ao coração lógico-semântico do actual dispositivo electrónico que nos envolve, uma nova paisagem digital que compreende a Web 2.0 e a Web 3.0. A apresentação desta estrutura lógico-semântica compreende, na primeira parte do livro, a explicitação dos contextos sociais da Web 2.0, especificamente a sociedade da investigação [em vez de: informação] e do jornalismo, a blogosfera e o

fenómeno *wiki*. Toda a segunda parte é consagrada à cultura e às artes no seio da Web 2.0, por exemplo ao estudo dos museus virtuais e ao estudo da imagem fotográfica e do *design*. Na terceira parte do livro é a Web 3.0 que ocupa a boca de cena, através de aproximações inovadoras que dão pelo nome de “ontologia hibridológica” e “hibridologia social”, a acrescentar à sociologia semântico-lógica, que atravessa todo o ensaio.

É hoje uma ideia assente que o *homo sapiens* se fundiu com o *homo numericus*, o que quer dizer com lógicas sócio-técnicas. Neste sentido, podemos dizer que aconteceu alguma coisa de semelhante ao surgimento de novas espécies de animais. E se pensarmos, por exemplo, em Donna Haraway, devemos assinalar igualmente uma espécie humana chamada ciborgue. Mas talvez devamos falar mais radicalmente. Este processo de hibridação começou com a linguagem (a escrita enquanto proto-história, como podemos dizer, convocando Derrida); continuou através da imprensa, da fotografia (Benjamin); do gramofone, do cinema e da máquina de escrever (Kittler); da rádio e da televisão (Luhmann); e toma hoje forma nesta fusão de *bíos* e *teckné*, ou seja, de orgânico e de inorgânico, de que o cibernauta é uma comprovação, como assinala Perniola.

Ao falarmos da hibridação do humano pelas tecnologias electrónicas já não tem sentido, todavia, concebermos o homem ligado segundo as categorias de proletário e burguês; e também não nos servem as categorias de ‘completamente real’ e ‘totalmente virtual’. As plataformas *electrónicas* inscrevem-se no quadro de uma artificialização crescente da experiência pela tecnologia. Esta artificialização realiza a uniformização da experiência estética de massas e anda associada, tanto à ideologia do conformismo, como à distribuição social do comodismo.

Centrados nas consequências da implantação do sistema digital, diremos então que no dispositivo electrónico, a relação que aí se encena não é caminho que nos conduza ao Outro. O Outro «já não é verdadeiramente o Outro», porque se trata de um Outro desvitalizado, como assinala Žižek. A sua presença não é mais intrusiva, invasiva. Falamos do Outro da mesma forma que falamos de café sem cafeína, de natas sem matéria gorda, de cerveja sem álcool, de política sem política, de sexo virtual, ou seja, de sexualidade sem sexo. O “*avatar*” que somos sempre nas redes sociais exprime um «Eu» sem o «Outro», fundando a diferença numa indiferenciação clónica.

Ora, neste sentido, a clonização pode ser vista como uma metáfora tecnológica da colonização, com o imperialismo a desenvolver-se na lógica da exploração e da maximização dos ganhos económicos, uma lógica inaugurada em finais de oitocentos. Para dar o exemplo da *Second Life*, podemos dizer que ela exprime a extrema complexidade da tecnologia, capaz de expressões de uniformidade à escala global, e que ela se inscreve, por outro lado, na lógica da produção de conformidade, com o político drasticamente reduzido a reino do consenso, sendo que aquilo em que a maioria concorda é o que subjectivamente se exprime como real, racional e moral.

Com efeito, a nova paisagem digital não se apresenta apenas como um eco-sistema mediático e tecnológico, estruturado em torno da interacção, das redes e das relações, ao serviço exclusivo da expressividade das pessoas. Nas redes sociais ocorre, sem dúvida, o triunfo da linguagem digital da comunicação, através do intercâmbio intensivo de mensagens, fotografias, vídeos, informações, que nos mergulham no universo da cultura hipercomunicativa, ou então, no «êxtase da comunicação», para convocar uma fórmula de Jean Baudrillard. Mas é justo assinalar, de igual modo, que elas traduzem uma sociedade capitalista melhorada, baseada no controle da subjectivação.

Em *Sociologia Semântico-Lógica da Web 2.0 / 3.0 na Sociedade da Investigação*, Pedro Andrade propõe-nos, todavia, um caminho diverso, que não passa sobretudo por uma interrogação exaustiva dos novos quadros da expressividade, designadamente a artificialização da experiência pela tecnologia e a uniformização da experiência estética de massas, numa lógica de produção de conformismo pelo controle da subjectivação. Neste livro, importam-lhe em particular os processos e as relações sociais semântico-lógicos, recentemente engendrados nas sociedades contemporâneas que, segundo o autor, se entendem não tanto como sociedades da informação, mas sobretudo enquanto sociedades da investigação emergentes.

A questão do nosso confronto com a tecnologia da informação começou por meados do século XIX, com o início da revolução óptica, através da invenção da máquina fotográfica. Esse momento libertou as imagens da gaiola que as prendia a uma autoridade, ou seja, por um lado, à simbólica de inspiração judaico-cristã, e por outro lado, ao logocentrismo, de origem greco-romana. As imagens passaram a multiplicar-se de um modo profano e laico, perdendo a aura. Depois, logo no começo do século XX, deu-se o taylorismo: a organização do trabalho tornou-o um espaço de controle e de confiscação do tempo dos trabalhadores. Entretanto, por meados do século XX, com a cibernética e o computador, as máquinas passam a alucinar o humano: interagir com a máquina pode constituir uma actividade expressiva, poética e gozosa; mas não será por isso que a máquina não deixará de mobilizar os indivíduos para o mercado, alargando o espaço do controle e da dominação. Se tivermos em conta Benjamin, Latour, Bolter et Grusin, Deleuze, Stiegler e Haraway, não podemos deixar de pensar o nosso confronto com a técnica senão pela resposta que damos ao hibridismo. Existe, hoje, com efeito, uma espécie de sincretismo, onde novos tribos sócio-técnicas coexistem com estruturas de dominação ligadas ao capitalismo.

Neste contexto, não parece satisfatória a chave interpretativa da sociedade em rede, proposta por Castells, ao proclamar que o actual modelo deixou de ser o da produção para dar lugar ao sistema informativo. Não podemos omitir que a informação tecnológica se inscreve na lógica da dominação e do controle. Relembro Geninasca e a paródia que ele fez da teoria da informação, ao colocá-la ao serviço das companhias telefónicas:

compensam e anulam ruídos, de maneira a que não haja falhas de informação entre um emissor e um receptor. Pois bem, o caso hoje ganhou uma amplitude e uma actualidade maior: conectado em permanência com o sistema informativo, o indivíduo é mobilizado infinitamente para o mercado.

Se a teoria da informação não for, pois, colocada sob a égide da teoria da significação, em altura nenhuma haverá lugar para colocarmos a questão da comunicação, afinal de contas a questão da interacção, ou seja, a questão do sentido humano. Em *Sociologia semântico-lógica da Web 2.0/3.0 na sociedade da investigação*, Pedro Andrade traz a terreiro uma teoria da significação sociológica, não se ficando de modo nenhum pela teoria da informação. Mas não são as consequências sociais e culturais da implantação das redes de comunicação electrónica tomadas isoladamente, nem as práticas de comunicação virtual dos internautas tratadas de modo exclusivo, que constituem o objecto deste ensaio “experimental”.

A concepção hermenêutica com que Pedro Andrade visa a sociedade da informação e a sua transformação no paradigma da sociedade da investigação, atende sobretudo, como salientámos, aos pressupostos e às estruturas do novo processo comunicativo. Porém, tais estruturas articulam-se com a acção e as práticas dos sujeitos sociais, que por sua vez apresentam duas naturezas igualmente conectadas na actual cena da sociedade da investigação. De facto, a partilha intersubjectiva e interactiva da escrita e da leitura da informação entre utilizadores da Web 2.0, hibridiza-se com a produção de conceitos comuns escritos e reescritos, interactiva e colectivamente, pelos sujeitos de enunciação circulantes na Web 3.0. Estas teses são mostradas e demonstradas no terreno empírico, tanto através de análise de conteúdo e de discurso de páginas de blogues e *wikis*, quanto por meio do exemplo de um processo de produção de conceitos comuns e de relações ordinárias, por parte dos visitantes de um museu de arte, durante a consulta de uma mesa multimédia interactiva e multitoque, e do respectivo *site*.

Em suma, uma tarefa pioneira e prospectiva que o Pedro Andrade executa de um modo exímio, pelo rigor e consistência da análise, pela erudição de que dá mostras, e pelo esclarecido e minudente uso dos procedimentos que emprega.